

## NEOCONSERVADORISMO DE GÊNERO E SEXUALIDADE E OS MODOS DE (RE) EXISTÊNCIAS DE JOVENS LGBTQ+.

### **Jaime Peixoto**

*Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG, jaimepeixotoufmg@gmail.com*

### **Shirley Aparecida de Miranda**

*Professora orientadora: Professora Titular da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação- UFMG, mirandashirley48@gmail.com*

### **Resumo**

O rechaço às políticas voltadas para o gênero e para a sexualidade na última década instaura o debate em torno das disputas entre vida e morte, entre segurança e vulnerabilidade. Assim, de que modos podem ser criadas recusas à banalização das vidas “dissidentes das regras do gênero e da sexualidade”? Este trabalho está sendo desenvolvido mediante o trabalho com relatos auto-narrativos de um grupo de três jovens lgbtq+ residentes na cidade de Belo Horizonte e que têm em comum as marcas da precariedade da dissidência das normas de gênero e da sexualidade. Partindo de um referencial pós-crítico, busca-se saber de que modos jovens lgbtq+ tem administrado/reivindicado sua aparição no espaço público em tempos de um fortalecimento da maquinaria conservadora e precarizante das vidas dissidentes das normas do gênero e da sexualidade e quais os efeitos disso em seus modos de (re)existência.

**Palavras-chave:** Neoconservadorismo, gênero, sexualidade, resistência, lgbtq+

## Introdução

Situando-me no campo dos estudos de gênero e sexualidade em sua perspectiva pós-crítica, na linha dos estudos foucaultianos e queer e, mais recentemente, nas teorias decoloniais sobre raça, gênero e sexualidade produzidas por autoras/es negras/os e queer, esta pesquisa busca saber de que modos jovens LGBTQ+ tem administrado/reivindicado sua aparição no espaço público em tempos de um fortalecimento da maquinaria precarizante das vidas dissidentes das normas do gênero e da sexualidade e quais os efeitos disso em seus modos de existência. Tal maquinaria tem sido posta em funcionamento, dentre outros modos, pelo fortalecimento do conservadorismo, que se apresenta de forma ainda mais contundente na última década, se alastrando pelos campos sociais e políticos através da fomentação e implementação de ofensivas antigênero que tem em ideais e projetos reacionários sua força de atuação. Neste respeito, as estratégias utilizadas por grupos conservadores e reacionários para dizer que gênero é ideologia instigou-me a tomar tais ofensivas antigênero como cenário para as investigações desta tese de doutorado.

Tomando como objeto de investigação as estratégias de jovens LGBTQ+ para fazer frente ao conservadorismo moral e político metamorfoseado, também, na forma de ofensivas antigênero, questiono sobre como tais jovens vem afirmando a vida, num contexto que quer entristecê-los, retirar-lhes e negar-lhes direitos, até mesmo, aniquilá-los. Como tem traduzido o conservadorismo? Que respostas têm dado a este e por que meios? Como criam estratégias para escapar da violência, da indignidade e da morte?

Esta pesquisa foi desenvolvida mediante o trabalho com relatos auto narrativos de um grupo de três jovens LGBTQ+ residentes na cidade de Belo Horizonte e que têm em comum as marcas da precariedade presentes nos corpos negros e da dissidência das normas de gênero e sexualidade. Chamado este trabalho de pesquisa-relato por se tratar de uma investigação que se debruça sobre narrativas de vida ao convidar jovens LGBTQ+ a dizerem como criam meios de vivenciar seu gênero e sua sexualidade em tempos de reacionarismos políticos e morais. O relato, assim, é produzido em primeira pessoa pelos/as jovens participantes. Coube a mim, como pesquisador, apenas o

trabalho de desdobrar o que foi narrado em reflexões para os fins desta tese. A potência do texto, no entanto, encontra-se nos próprios relatos, nos jogos de poder evidenciados nas formas como vivem e narram o que vivem. Uma investigação que só é possível porque aposta na potência do dizer de si mesmo.

### **Neoconservadorismo reacionário estratégico antigênero**

Acho necessário explicitar o que estou nomeando de neoconservadorismo reacionário e o porquê do uso deste termo e não de outros. Na literatura que se debruça sobre tal questão é possível encontrar termos como “onda conservadora” (DEMIER, F.; HOVELER, 2016), “neoconservadorismo Religioso” (TOITIO, 2017), “nova direita” (ALENCAR, 2018), “conservadorismo evangélico” (ALMEIDA, 2017) entre outras designações que tentam nomear o corrente fenômeno conservador no Brasil. Nesta pesquisa, porém, utilizarei o termo “neoconservadorismo reacionário estratégico”. Eu explico o motivo! Com o uso do termo neoconservadorismo sinalizo, assim como faz Marina Basso Lacerda (2018) em sua tese de doutorado, para seus atuais contornos. Se o conservadorismo político clássico centrava-se nas resistências às mudanças tencionadas pela sociedade moderna e na defesa dos pilares da sociedade tradicional, a saber, família, religião (resgate da fé cristã) e nação, o neoconservadorismo, que hoje opera, embora não tenha se distanciado desses propósitos desenvolveu “grande interesse nas questões de gênero, questões sexuais e reprodutivas” (SANTOS, 2020, p.55). Segundo a autora, seria este o fato que caracterizaria o neoconservadorismo. Com isso, trazer atenção para as atuais investidas contra as questões de gênero e sexualidade coaduna com o objeto desta tese.

O uso da adjetivação “reacionário” atrelado ao termo neoconservadorismo nesta pesquisa também foi uma escolha política. Segundo Marlucy Paraíso (2016) esses grupos não são somente conservadores, mas, principalmente, reacionários, uma vez que reagem, se mobilizam contra os ganhos conquistados pelos movimentos sociais, sobretudo os movimentos feministas e os movimentos de Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros – LGBTQ+. Assim, chamá-los apenas de conservadores ou neoconservadores parece não ser suficiente uma vez que evidencia uma conotação restrita da atuação política desses grupos. Por fim, com o termo “estratégico” adjetivando o que chamo

aqui de neoconservadorismo reacionário quero deixar evidente todo o jogo de ações intencionais nos campos políticos e sociais que visam o fortalecimento e a implementação dos ideais neoconservadores reacionários nos mais variados artefatos sociais.

Refiro-me ao processo de organização político-religiosa que se popularizou na forma do sintagma<sup>1</sup>/slogan<sup>2</sup> “ideologia de gênero” e que preconizou uma série de re(ações) aos ganhos conquistados pelos movimentos sociais acerca das questões de gênero e de diversidade sexual (PARÁISO, 2016), entre eles, a valorização da existência e dos direitos de pessoas não heterossexuais que historicamente foram alocadas em posições de subalternidade na sociedade brasileira (VIANNA, 2018), sendo oprimidas por meio de diferentes e desiguais “relações de poder” (FOUCAULT, 1979).

O entendimento do sexo como algo binário e imutável impõe limites à concepção de gênero e sexualidade. Mais ainda, ao equacionar a natureza com a heterossexualidade, ou seja, com o desejo pelo sexo/gênero oposto, legitima-se a ideia de que a heterossexualidade é a forma compulsória de sexualidade, alocando-a no lugar da “normalidade”. De acordo com essa lógica, os sujeitos que escapam a essas normatizações devem ser delegados à “abjeção” (BUTLER, 2016).

Como nos diz Butler (2017b, p. 1) talvez o que traga tanta polêmica e mobilizações contrárias é o fato de que a palavra gênero tornou-se símbolo de transformações nas dinâmicas da sociedade e da assunção da diferença no espaço público. Segundo a autora, a teoria de gênero não é destrutiva nem doutrinadora. É apenas “uma forma de busca por liberdade política para viver em um mundo mais vivível e igualitário”, retirando das sombras tantas vidas privadas de uma perspectiva de futuro (BUTLER, 2019, p. 1). Sob o pano de fundo da discussão sobre gênero e sexualidade, o que está em jogo são os regimes que determinam os modos de inteligibilidade e aparecimento, a “disputa pelas formas possíveis que os sujeitos podem assumir” (BUTLER, 2017a, p.

1 Um sintagma é um conceito que se usa no âmbito da gramática para evocar um grupo ou um conjunto de palavras que constitui um tipo de constituinte sintático que permite formar outros sub-constituintes. Fonte: <https://conceito.de/sintagma>

2 Um slogan é uma expressão concisa, fácil de lembrar, utilizada em campanhas políticas, de publicidade, de propaganda, para lançar um produto, marca etc.

29) e mais ainda, as estratégias de operacionalização de toda uma maquinaria precarizante das vidas.

Pensando com Butler (2015) entendo por precárias “a condição existencial generalizada que se configura num traço comum da nossa humanidade” (BUTLER, 2015, p. 42). Segundo a autora, somos precários porque a nossa vida está nas mãos dos nossos semelhantes, porque dependemos dos outros, de instituições, das redes de sociabilidade e reconhecimento, do trabalho, da busca por alimento, segurança, educação para termos uma vida humana, digna de ser vivida (BUTLER, 2015, p. 41-45). Butler afirma que todas as vidas são, por definição, precárias. Isso porque podem ser eliminadas de maneira voluntária ou acidental, e a sua continuidade não está garantida. “é um traço de qualquer vida, e não existe concepção de vida que não seja precária, salvo, evidentemente, na fantasia” (BUTLER, 2015, p. 46). No entanto, é preciso dizer que esta precariedade está desigualmente distribuída nos diferentes corpos que circulam na sociedade.

Operando com a lógica de Butler, Barbosa (2018) comenta que intensificar a precariedade significa privar certas pessoas, certas vidas de recursos básicos que lhes são necessários para ter uma existência digna, por outro lado, minimizar essa precariedade implica deliberações políticas, providenciar esses recursos ou permitir que eles existam para certas pessoas, evitando-se, assim, que sejam expostas a graves riscos de indigência, abandono, violência e, inclusive, morte (BARBOSA, 2018, p. 558). A precarização, ou criação de insegurança, são engendradas pelos poderes hegemônicos da área econômica e da esfera política, poderes que tecem relações e cumplicidades no sentido de instaurarem, como já disse Foucault (1976, p. 182- 183), um novo governo biopolítico das populações: um governo cuja estratégia não é exigir obediência a troco de níveis cada vez mais altos de proteção, mas, a redução calculada dessa proteção, o que equivale a uma “arte de governar” (FOUCAULT, 2008) baseada na precarização. Denunciar a fragilidade à qual algumas vidas tem sido expostas visa a “desconstrução dos dispositivos de verdade que se apoiam no discurso do cuidado da vida, mas que, ao mesmo tempo, a tornam insignificante” (CANDIOTTO, 2010, p. 170).

## Resultados e discussão

### O Jogo estratégico com as identidades: A Bicha gospel

Quando o risco da violência de gênero ronda e é iminente, dizer o que o/a outro/a quer ouvir, mentir, omitir e/ou mesmo amenizar o que é dito para evitar conflitos maiores, no caso dos/as participantes desta pesquisa, mostrou-se uma ferramenta interessante e eficaz de sobrevivência. Embora alguns/as possam ler estes atos em termos de uma covardia que pouco contribui para as lutas por aceitação da diferença, nesta pesquisa, entendo que tais atitudes compõem com um corajoso jogo estratégico no qual o que se busca não é a defesa exacerbada desta ou daquela identidade, mas a possibilidade de levar uma vida segura e escapar do desprezo e da violência.

De família muito religiosa, membros de uma igreja evangélica pentecostal, Pâmela<sup>3</sup> viu-se diante da necessidade de um duplo gerenciamento de sua identidade de gênero, na família e na igreja. Em tom de deboche e entre risos a jovem comenta que durante alguns anos viveu como uma “*bicha gospel*” (Pâmela-trecho de entrevista), o que parece indicar uma vivência de gênero ambígua, onde os signos da religião e da dissidência da cisheteronorma estão em disputa no mesmo corpo, sendo administrados de modo a produzir um indivíduo que titubeia, que estabelece uma espécie de “agonística” (FOUCAULT<sup>3</sup>, 1994) consigo mesmo ao tentar levar uma vida que, pelo menos durante um período, tentou mesclar elementos do sagrado e do profano. Nos diz Pâmela,

*“eu entrei para a igreja com 14 anos, acho que foi quando... acho que estava a florando mais, eu comecei a... sei lá... ter atração por sexo, então, achei um refúgio indo pra igreja, “vou tirar o capeta de mim, amém”... com 14 anos fui pra igreja pra tentar ser diferente, quer dizer, pra tentar ser igual a todo mundo... e tentei ser igual por 4 anos, fiquei ali até que eu decidi que queria conhecer, e por respeito a religião eu preferi sair pra conhecer o que eu queria conhecer”. (PÂMELA- trecho de entrevista).*

3 Mulher Trans e negra

Primeiro, a ideia de buscar a religião como uma fuga, um refúgio, “até então, a religião me ajudava a lutar” (Pâmela- trecho de entrevista). Em muitos casos, essa busca revela, como disse Pâmela, um desejo de normalização, “tentar ser igual a todo mundo” (Pâmela- trecho de entrevista) e, quando se é adolescente, como Pâmela era na época, a necessidade de se sentir acolhida e pertencente a um grupo age com força, fazendo com que fosse empreendido um embate pessoal contra a diferença de gênero e sexualidade. Para muitos/as, as igrejas configuram-se em um dos poucos espaços de fuga da violência sofrida em casa, na escola, na rua, etc. Assim, lutar contra a “dissidência” via religião e assumir uma identidade de gênero normalizada e não desviante permitiu a Pâmela que, naquele contexto, usava o nome de Paulo, passasse pelos anos críticos da adolescência sem se expor, ainda mais, a situações graves de hostilidade.

Diante de um cenário político pouco favorável à diferença de gênero e sexualidade, ser subjetivado no espaço religioso como um pecador, como alguém que precisa “tirar o capeta do corpo”, e ter o símbolo do negativo sempre rondando a sua volta, e, mais ainda, internalizar a ideia de falta, sublimar o desejo e sofrer a “violência ética” (BUTLER, 2017) de viver uma vida que lhe deforma não é tarefa fácil. Não são todos/as que conseguem levar uma vida de recusa e sublimação religiosa. Pâmela não foi uma dessas pessoas,

*Fiquei ali até que eu decidi que queria conhecer, e por respeito a religião eu preferi sair pra conhecer o que eu queria conhecer, o que eu já estava atrasado em conhecer. Acho que quando eu saí foi como uma explosão de uma vez. (Pâmela- trecho de entrevista).*

A jovem se refere a conhecer e vivenciar uma vida LGBTQ+, comportamentos, a liberdade do corpo, outro modo de falar e vestir, circuitos de diversão existentes na cidade, paixões e desejos, “viver sem sofrer com a culpa cristã, tão corrosiva e abafadora da chama da vida” (OLIVEIRA, 2020, p. 135).

Todo um conjunto de práticas e signos que potencializam sua diferença de gênero, mas, que são incompatíveis com o dogma religioso. Se na família, o discurso conservador sobre gênero e sexualidade, por vezes, é amenizado pelos laços que “introduzem o amor onde deveria haver a lei, a regra ou o hábito” (FOUCAULT, 1981, p.2),

nas religiões judaico-cristãs, tal discurso incide com força<sup>4</sup>. Assim, pareceu, no caso de Pâmela, que não havia espaço para sua diferença de gênero naquela igreja. Decidiu-se, portanto, por romper com a instituição. Desvinculou-se da igreja, embora afirme ter continuado ser uma pessoa religiosa. Escolheu viver sua diferença de gênero em toda sua potência. Tal atitude evidencia o desejo por “determinado modo de relação, uma escolha voluntária que é feita por alguns, uma maneira de pensar e sentir, de agir e de conduzir-se” (FOUCAULT, 2005, p. 341).

Salvação e perdição, aceitação e rejeição, pecado e desejo, ou seja, todo um conjunto de pólos antagônicos que na prática foram vivenciados pela jovem no termo de uma agonística interna, onde a “luta individual e social pró a efetivação da liberdade, torna-se assim uma questão política incontornável, tarefa política inerente a toda existência social” (FOUCAULT, 1994, p.238-239), que como consequência produziu, no caso de Pâmela, um modo de vida que, durante um tempo, foi gerenciado numa espécie de entremeio onde a “bicha gospel” foi produzida.

Ao falar em identidades não quero entendê-las como forma ou como uma regra universal, mas “como tática política de desestabilidade” (CAETANO, 2020, p.51). Assim, o foco está nas relações, nos jogos micropolíticos, pois, como disse Foucault “se a identidade é somente um jogo, se ela é somente um procedimento para favorecer relações sociais... então ela é útil” (FOUCAULT, 2014, p.255). Os usos estratégicos das identidades na busca por inteligibilidade deixam evidentes, no caso de Eduardo, um jogo que se alimenta da ambiguidade, da confusão com os gêneros e as sexualidades, do não apego às normas defendidas pelo sistema cisheteronormativo. Tal jogo desestabiliza e desafia a lógica heteronormativa, uma vez que a força do sistema cisheteronormativo está em traçar parâmetros fixos que não sejam ambíguos e que não permitam que o sujeito possa oscilar.

O que está em jogo é a possibilidade de reconfigurar a gramática do reconhecimento. Algumas vidas estão fora da própria

4 Para uma análise aprofundada dos discursos das religiões sobre gênero e sexualidade ver: MACHADO, Maria das Dores Campos. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. Revista Estudos Feministas. – Florianópolis, 26(2), 2018.  
SOUZA, Sandra Duarte de. Política religiosa e religião política: os evangélicos e o uso político do sexo. Estudos de Religião, v. 27, n. 1 • 177-201 • jan.-jun. 2013.

operacionalidade desses quadros. Existem esquemas de inteligibilidade, referentes à apreensão sensível de certas vidas, que condicionam e produzem as regras que instauram as condições para ser e não ser reconhecido. A crítica a tais falhas estratégicas nos quadros de reconhecimento atreladas ao forte desejo reivindicatório produz uma “insatisfação que serve como ponto crítico de partida para o questionamento das normas” de aparição e dos regimes de verdade (BUTLER, 2017a, p. 37). Entretanto, não significa apenas dizer eu protesto, mas “fazer dessa atitude um ato político tão consistente quanto possível, para que aqueles que governam sejam obrigados a levá-los em conta” (FOUCAULT, 2010, DE IV, p. 222), “tencionando a reconfiguração das regras que regem a esfera das visibilidades no espaço público” (BUTLER, 2018).

Butler (2017a) destaca que colocar sob rasura os regimes de verdade que instauram as normas de aparição no espaço público implica uma recusa - “não posso ou não vou me reconhecer nos termos que me são disponíveis” - ao mesmo tempo em que engendram um movimento reflexivo que nos leva a questionar “quem eu posso ser dado o regime de verdade que determina qual é minha ontologia?” (BUTLHER, 2017a, p. 38).

É “dizer sim à existência, recusando a aceitação passiva do instituído e criando valores novos que façam a vida leve e ativa e multiplicando os sinais da existência” (FOUCAULT, 2005, DE II, p. 925; RAGO, 2009, p. 1), afirmando uma imagem político-moral pública de legitimidade ao elaborar e reconfigurar as “práticas formadoras dos modos de ser” (RAGO, 2009, p. 12).

## Considerações finais

A partir das entrevistas realizadas foi possível identificar o que foi lido nesta pesquisa como uma estratégia ética de re(existência) entendidas aqui como movimentos efetivos de resistências à lógica do poder deslegitimador das sexualidades que fogem ao sistema cisheteronormativo. Desmantela o jogo de poder e possibilita os meios de fuga da violência e da hostilidade.

Foi isso o que os/as participantes da pesquisa buscaram fazer ao se disporem ao trabalho de construir e compartilhar o relato de suas vidas. Fazendo frente a um regime de poder que quer invisibilizá-los/as, os/as jovens LGBTQ+ são interpelados como indivíduos que foram

convocados, instigados a fazerem um relato de si mesmos. Esses/as parecem ter usado esta pesquisa como ferramenta de auto-visibilização e como caixa de ressonância às suas respostas às interpelações. Os relatos que deram de si, dos modos como procuram tornar “suas vidas mais possíveis e vivíveis” (BUTLER, 2017) coadunam com a possibilidade de transformações éticas.

## Referências

ALENCAR, Gustavo de. **Evangélicos e a nova direita no Brasil: os discursos conservadores do “neocalvinismo” e as interlocuções com a política.** Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – UFJF, V.13. N. 2, dez, 2018.

ALMEIDA, Ronaldo de. **A onda quebrada – evangélicos e conservadorismo.** Cadernos Pagu (50), 2017.

BUTLER, Judith. **O que é a crítica? Um ensaio sobre a virtude em Foucault.** Tradução de Gustavo Hessmann Dalaqua. Cadernos de ética e filosofia política, n.22, USP, 2013.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo:** crítica da violência ética. Tradução Rogério Bettoni. 1ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017a.

BUTLER, Judith. **Alianças queer e políticas anti-guerra.** Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 11, n. 16, 1 jan. 2017b.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade.** 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018.

CAETANO, Marcio; RODRIGUES, Alexsandro; WENETZ, Ilena. Currículos como narrativas e estudos queer: emergências que interrogam a educação. IN: CAETANO, Márcio; RODRIGUES, Alexsandro; SOARES, Maria da Conceição Silva (ORGs.). **Queer(l)zando currículos e educação: narrativas do encontro.** 1º ed. – Salvador-BA. Editora Devires, 2020.

CANDIOTTO, Cesar. **Ética e política em Michel Foucault.** *Trans/Form/Ação* [online]. vol.33, n.2, pp.157-175,2010.

DEMIER, F.; HOEVELER, R. (orgs.). **A onda conservadora: ensaios sobre os atuais tempos sombrios no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Da amizade como modo de vida**. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal *Gai Pied*, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de wanderson flor do nascimento, 1981.

FOUCAULT, Michel. “Choix sexuel, acte sexuel”. IN: **Ditos e Escritos IV: 1980-1988**. Paris, Gallimard, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos II: Arqueologia das Ciências e História dos sistemas de pensamento**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV**. Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IX: genealogia da ética, subjetividade e sexualidade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LACERDA, M. B. (2018) **Neoconservadorismo: articulação pró-família, punitivista e neoliberal na Câmara dos Deputados**. Tese (Ciência Política). Instituto de Estudos sociais e Políticos. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Nem ao centro, nem a margem: o lugar da bicha preta na história e na sociedade brasileira**. IN: OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *Nem ao centro, nem a margem: corpos que escapam as normas de raça e de gênero*. 1º ed.-Salvador- BA. Editora Devires, 2020.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência**. *Currículo sem Fronteiras*, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SANTOS, Rayani Mariano. **A mobilização de questões de gênero e sexualidade e o fortalecimento da direita no Brasil.** Revista Agenda Política. Revista de discentes da Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. Vol 8, n.1, p.50-77, São Carlos, 2020.

TOITIO, Rafael Dias. **A disputa entre movimento LGBT e neoconservadorismo religioso no governo Dilma.** 41º Encontro Anual da Anpocs. 2017.

VIANNA, Cláudia. **Políticas de educação, gênero e diversidade sexual: breve história de lutas, danos e resistências.** 1 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.